

O GLOBO nos discos populares

NOVA YORK 62

NOVA YORK, novembro (Via Varig) — Agora que já passou tudo, agora que o Festival de quarta-feira última é lembrado da maneira mais desencontrada, seria interessante colocar as coisas nos seus devidos lugares. Primeiramente, o concerto não foi de maneira alguma um fracasso. Três mil pessoas superlotaram o Carnegie Hall e aplaudiram TODOS os artistas brasileiros, tendo alguns deles — como foi o caso de Luís Bonfá e Agostinho dos Santos — sido mesmo ovacionados. Sob o ponto de vista comercial e da receptividade da audiência, o espetáculo foi, por conseguinte, um êxito total.

Sylvio
Tullio
Cardoso

O material temático, por sua vez, não podia ter sido de melhor qualidade. Nenhum dos temas executados ou cantados pode ser classificado como fraco ou inexpressivo. A grande falha foi haverem os responsáveis pelo espetáculo misturado amadores com profissionais e os apresentados da maneira mais confusa, apressada e desorganizada. Se os produtores tivessem deixado o patriotismo de lado e permitido que pisassem o palco do Carnegie Hall apenas **PROFISSIONAIS** experientes, o festival teria sido dos melhores, artisticamente. Infelizmente, prevaleceu a benevolência, o bom-mocismo e a complacência, e, tivemos, então, o Carnegie Hall transformado em auditório de estação de rádio, onde o importante é impressionar visual e não auditivamente.

As duas outras grandes falhas foram o péssimo sistema de amplificação e a atuação apática e desligada de Leonard Feather, como mestre de cerimônias. Vamos ver se nas próximas apresentações — uma no Village Gate, aqui em Nova York, e outra em Washington, possivelmente na Casa Branca — a bossa nova será pelo menos apresentada com o sentido profissional que faltou aos produtores do histórico Festival do Carnegie Hall...

Últimos **flashes**: Aloísio de Oliveira não compareceu ao festival. Quando soube que iam participar **todos** os brasileiros que haviam vindo — convidados ou não — tirou o corpo da jogada, eximindo-se de qualquer responsabilidade... João Gilberto deverá gravar com Gerry Mulligan, para a Verve. O advogado de Mulligan está trabalhando para obter a rescisão de seu contrato com a Capitol... Miles Davis apareceu finalmente, sexta-feira, no Village Vanguard. Tocou excepcionalmente bem em "So What" e "Autumn Leaves". A grande surpresa de seu conjunto para nós foi o tenorista Hank Mobley, que está em forma esplêndida... Fomos ver com Frank Driggs o triozinho de Roger "Ram" Ramirez, no Le Clique. O conjunto, que toca geralmente música tipo "cocktail", fez um "set" de jazz especialmente para nós e **barbarizou** em "Just One of Those Things", "Lover Man" (composição do líder), "It's Allright With Me" e "Robbins Next". Disse-nos Driggs que Ramirez — cujo estilo ao piano assemelha-se ao de Sir Charles Thompson — está tocando **horrores** ao órgão... Grande noite no Basin Street, anteontem. João Gilberto e um grupo de brasileiros foram recepcionados por Peggy Lee, cujo "show" esteve uma beleza. Miss Lee, que é hoje uma "grand lady" da música popular, cantou um "That Kind of Fool I Am" soberbo e a orquestra, dirigida por Benny Carter, constituiu-se num espetáculo à parte. Depois do "show", houve uma sessãozinha de bossa nova com João Gilberto, no camarim de Peggy... Batemos um longo papo com Benny Carter, que nos disse entre outras coisas figurar em seus planos a gravação de um LP no qual seria revivido o legendário conjunto The Chocolate Dandies... O pistonista Bill Horne encontra-se em Nova York em viagem de lua-de-mel... E o grande sucesso aqui é "I Left My Heart in San Francisco", de Tony Bennett...